

## DEZ TEXTOS PARA CONHECER O ROMANCE ANTIGO

*Adriane da Silva Duarte (DLCV)*

Se há apenas algumas décadas o romance era o primo pobre entre os gêneros que os antigos nos legaram, sendo a épica, a tragédia e a historiografia os mais prestigiosos, hoje ele desponta como uma das mais promissoras áreas de pesquisa da antiguidade clássica. Este interesse ocasionou um verdadeiro *boom* bibliográfico, resultando numa multiplicação incessante de títulos. O presente ensaio visa guiar o leitor iniciante, aquele que julga o romance uma invenção da modernidade, tendo *Dom Quixote* como um de seus arquétipos, por esse universo literário, através de algumas leituras introdutórias e fundamentais que o ajudem a descobrir que o gênero também tem um pé na Grécia e em Roma.

A expressão romance antigo por si só já é polêmica. Primeiro porque, na ausência de um termo antigo para denominar essa produção ficcional em prosa, recorre-se um a um posterior que traz consigo uma série de conotações nem sempre pertinentes ao *corpus* greco-latino (por exemplo: por romance designa-se as narrativas, às vezes em verso, escritas em língua vernácula e não em latim) – os falantes de língua inglesa preferem *novel*, o que também não resolve a questão, já que enfatiza exatamente a novidade ou a modernidade do gênero.

Segundo porque, como já apontei, são muitos os que recusam ver uma continuidade entre essa produção antiga e o gênero que praticamos ainda hoje. Ao empregá-la posiciono-me entre os que defendem que a tradição antiga e a moderna se comunicam, entendendo que, documentada a transmissão dessas obras, houve influência da forma antiga na formatação do gênero nas suas sucessivas etapas de (re)invenção: o romance de cavalaria medieval, *Quixote* no XVI, Richardson, Fielding, Dumas, no XIX, entre outros. Tanto no passado quanto no presente é preciso entender o romance como um gênero plural e onívoro, cujas características principais residem no emprego da narrativa em prosa e em sua natureza ficcional.

Dentro dessa proposta, de abordar o romance antigo em chave ampla, tratarei aqui tanto de exemplares gregos, quanto de exemplares latinos dessa produção, por entender que, sendo eles produtos do período imperial de Roma, remetem a condições políticas e culturais parelhas, no limite restando indiferente a língua em que foram escritos. Faço minhas, então, as palavras de Jacyntho Lins Brandão (2014: 93), para

quem “[...] falar de exemplares gregos e latinos, ou mesmo greco-latinos, tomando como referência a língua em que os textos são escritos, esmaece que se trata de uma produção romana, no sentido de que só surge no Império de Roma e deve responder a uma expectativa própria dessa situação”. Para os que se interessarem sobre essa discussão, remeto ao artigo recente que o autor dedicou à questão e de onde pincei a citação anterior: “Qual romance? (Entre antigos e modernos)”, in *Eutomia*, 12 (1), 80-99, 2014.

O romance antigo já nasce sob o signo da pluralidade, não cabendo em um único molde. A meu ver, resultaria extremamente redutor limitar o gênero aos romances de amor idealizados (*ideal love novels*) gregos ou às narrativas cômico-realistas, associadas à matriz latina, tentando encaixar numa ou outra categoria o que a elas escapa. Essas categorias se sobrepõem sendo bem aceita a visão de que as narrativas cômico-realistas teriam em grande parte se desenvolvido a partir da paródia dos romances de amor e aventura.

No entanto, para situar melhor o leitor em meio a categorias, que continuam em grande parte a orientar os estudos na área, vou apresentar de modo sucinto o *corpus* do romance antigo com base nelas, que são essencialmente três: 1) romance de amor e aventura ou do amor ideal, que reúne basicamente textos escritos em grego; 2) o romance cômico-realista, de expressão latina; e 3) a produção que fica à margem desses dois grupos, o que um *scholar* batizou de “textos à moda de romances” (*novel-like works*, Schmeling, 2003), por não narrar histórias de amor, como os demais exemplares gregos do gênero, e por sua natureza paródica - nesse sentido, mais próximos dos romances latinos, mas diferentes desses em aspectos importantes.

No primeiro grupo, o das histórias de amor, o enredo contempla as desventuras de um casal protagonista que se apaixona, enfrenta obstáculos a sua união, vive aventuras longe da terra natal, separados um do outro, para, no fim, reunirem-se e, ao que tudo indica, viverem “felizes para sempre”. Para mais detalhes sobre a trama específica de cada um dos romances citados, remeto a Schmeling (2003), em obra que comento na sequência. Pertencem a essa categoria cinco obras, compostas entre os séculos I e IV d.C.: **Quéreas e Calíroo**, de Cáriton (I. d.C.); **Efesíacas ou Antia e Habrócomes**, de Xenofonte de Éfeso (I-II d.C.); **Dafnis e Cloé**, de Longo (II d.C.); **Leucipe e Clitofonte**, de Aquiles Tácio (II d.C.); **As etiópicas**, de Heliodoro (IV d.C.). Deixo de fora dessa lista as obras fragmentárias que, no entanto, dão importante testemunho das características e da evolução do gênero.

O segundo grupo praticamente se resume ao **Satíricon**, de Petrônio (I d.C.) e ao **Asno de Ouro ou Metamorfoses**, de Apuleio (II d.C.). Pode-se acrescentar ainda a **História de Apolônio, rei de Tiro**, cuja autoria e data são indeterminadas, restando incerto até mesmo se não se trata de uma versão latina de um texto originalmente escrito em grego, como é o caso do **Romance de Alexandre**, igualmente anônimo, cujas recensões gregas subsistem.

Por fim, os romances ditos marginais (*novel-like works* ou *fringe novels*) reúnem os textos que não cabem bem nos grupos acima descritos. Em sua maioria são obras de expressão grega, nas quais a intriga amorosa está ausente ou não ocupa o primeiro plano. Normalmente têm um componente cômico importante, mas nem sempre apresentam o componente “realista”. Flertam muitas vezes com outras matrizes genéricas como a biografia e a epístola. Há ainda as obras que pertencem à tradição cristã, vidas de santos e atos apócrifos dos apóstolos, que se associam a essa produção. Sua quantidade varia de acordo com a concepção de “romance” daquele que concebe a lista. Podem-se citar como representativos desse grupo: **Das Narrativas Verdadeiras**, de Luciano (II d.C.), a **Vida de Apolônio de Tiana**, de Filóstrato (III d.C.), os anônimos **Romance de Alexandre, Vida de Esopo, Atos de Paulo e Tecla** (II d.C.), entre outros. Vale citar aqui também um “precursor” do gênero, que cada vez mais tem chamado a atenção dos estudiosos, a **Ciropédia**, de Xenofonte de Atenas (IV a.C.).

Considerando-se essa pluralidade, alguns textos voltados para a introdução do gênero para um público mais amplo do que o dos classicistas, podem ser úteis na medida em que procuram mapear a diversidade dessa produção que se estende, a grosso modo, do primeiro ao quinto século da era cristã. Para começar, sugiro a leitura do capítulo que Tomas Hägg escreveu para o monumental **Il romanzo** (Torino: Einaudi, 2001), projeto enciclopédico em 5 volumes organizado por Franco Moretti. A contribuição de Hägg, “Il romanzo greco: modello unico o pluralità di forme?”, abre o terceiro volume do livro, destinada justamente à gênese variada do gênero (em inglês, o capítulo está no vol. I, cf, Moretti, F. (ed.) **The Novel**, Princeton, 2006; infelizmente não consta da edição brasileira, em volume único: **A cultura do romance**, São Paulo, CosacNaify, 2009). Com foco na Grécia, em cerca de trinta páginas, o autor apresenta as principais questões que norteiam a compreensão do romance, seu *corpus*, e avança uma hipótese sobre a sua origem plural, que teria incorporado elementos de gêneros e tradições diversas, desde o período helenístico, resultando também em um conjunto diversificado de obras em que histórias de amor e aventura convivem com narrativas de

estrutura proto-picaresca. É, sem dúvida, a melhor síntese que conheço e uma das mais equilibradas no que respeita a espinhosa questão das origens do gênero.

**The Ancient Novel: an introduction**, de Niklas Holzberg (Routledge, 2005), como o nome já promete, faz uma apresentação abrangente do fenômeno na antiguidade, ainda que no nível introdutório, incluindo a vertente latina e o *corpus* fragmentário, que não é desprezível, isso tudo numa linguagem bastante acessível para os não-especialistas. Em cinco capítulos, o livro se debruça sobre a origem do gênero, sua tipologia e desenvolvimento, focando em seguida o romance de amor dos primeiros séculos do Império, a vertente cômico-séria romana, e o tratamento dado ao gênero durante a segunda sofística. O volume se encerra com um apanhado bibliográfico organizado por tópicos, útil para continuar a explorar o tema, apesar de não trazer as contribuições da última década.

Outra maneira de se aproximar do tema é explorar a vasta gama de *companions* e coletâneas dedicadas ao romance antigo. Uma das vantagens é mapear os principais estudiosos do gênero e as abordagens mais frequentes. Sugiro três desses volumes. A começar por **The novel in the ancient world**, editado por G. Schmeling (1ª edição em 1996, revista em 2003). O livro, com cerca de 800 páginas e 25 colaboradores, das mais diversas instituições e nacionalidades, apresenta o romance grego e latino através das grandes questões, como por exemplo: as origens, a religião, contexto histórico e econômico, a representação da mulher e do estrangeiro, etc. Especialmente úteis são as seções dedicadas a cada um dos principais autores do gênero, em que as obras são cuidadosamente apresentadas, bem como um pouco de sua fortuna crítica. Também não poderia deixar de destacar os mapas, que trazem o itinerário dos heróis e heroínas viajantes dos romances e também de Homero e de Virgílio à guisa de comparação. Mal comparando, seria essa a bíblia do romance antigo.

Bem mais recente é o **The Cambridge companion to the Greek and Roman novel**, editado por T. Whitmarsh (2008). Com cerca de metade das páginas do anterior, reúne 19 colaboradores, quase todos ligados a instituições anglófonas, de um lado ou do outro do Atlântico. O editor considera que a principal diferença para com as demais coletâneas é a ênfase em ideias e não nos textos propriamente ditos. Assim, o índice vai trazer tópicos como: identidade, viagem, sexualidade, intertextualidade, narrativa, gênero, etc. As discussões são na maioria das vezes estimulantes, mas requerem alguma familiaridade com autores e enredos.

Buscando o meio-termo entre essas duas coletâneas, está o recém-publicado **A companion to the ancient novel**, editado por E. P. Cueva e S. N. Byrne (2014). Divide-se em quatro partes: I) Romances e autores; II) Gênero e abordagens; III) Influências e intertextualidade; IV) Temas e tópicos. Como se vê, começa-se pela apresentação do *corpus* para depois chegar às abordagens teóricas e aos aspectos específicos. São 37 colaborações de um time bem diversificado de especialistas, que incorporam as últimas tendências na investigação da matéria e refletem a bibliografia recente – todos os textos trazem, além da bibliografia consultada, indicações de leituras adicionais.

Para aqueles interessados na tradição latina, **Latin fiction. The Latin novel in context**, organizado por H. Hoffmann (1999), é particularmente interessante. Petrônio e Apuleio, como não poderia deixar de ser, ocupam cerca de metade do volume, a cada qual tendo sido dedicados quatro artigos. Merece destaque o capítulo de G. Schmeling sobre Petrônio, que contextualiza muito bem autor e obra. O livro ainda examina a produção restante e a sua recepção – muito interessante o capítulo de R. H. F. Carver sobre a redescoberta do romance latino.

Por fim, gostaria de indicar uma coletânea dedicada aos romances ditos marginais, que confinam com a biografia ou o relato historiográfico. Trata-se de **Fiction on the fringe. Novelistic writing in the post-classical age**, editado por G. A. Karla (2009). Especialmente valiosa é a discussão que promove da ideia de cânone. Cada texto do volume reflete sobre o que de fato constitui um romance enquanto tal, através de obras como a *Ciropédia* ou da *Descrição da Grécia*, de Pausânias; dos *Atos Apócrifos dos Apóstolos*; da *Vida de Esopo* ou do *Romance de Alexandre*, postos em diálogo com os romances de amor idealizado.

Há dois textos clássicos sobre o romance antigo, bastante influentes, que eu não poderia deixar de indicar, até porque, para muitos, trazem a primeira notícia desse *corpus*. Trata-se das leituras de M. Bakhtin e E. Auerbach. É certo que estão desatualizados no que concerne à cronologia ou até mesmo ao estabelecimento dos textos referidos, já que datam da primeira metade do século passado, mas isso não compromete a qualidade das análises.

O primeiro dedica ao romance antigo as duas primeiras seções de seu “Formas de tempo e cronotopo no romance (Ensaio de poética e literatura)”, em **Questões de Literatura e de Estética** (1988), a saber: I) O romance grego; II) Apuleio e Petrônio. A meu ver, o maior interesse da sua abordagem, de resto instigante em vários outros aspectos, é inserir o romance antigo na genealogia do romance moderno. Ou seja, ao

estudar o gênero, Bakhtin pressupõe sua origem na antiguidade clássica e remonta ao *corpus* antigo para traçar suas características, indo na contramão dos que propunham o romance como uma invenção da modernidade.

Em “Fortunata”, segundo capítulo de **Mimesis**, Auerbach, através da análise de uma passagem do *Satíricon*, mais especificamente do banquete de Trimalquião, demonstra como Petrônio se vale da linguagem e do ponto de vista narrativo para retratar de forma crítica a realidade que o rodeia. Contrapondo-o a Tácito e ao Novo Testamento, o crítico alemão destaca o que é próprio do gênero e do contexto político-cultural que o enforma.

No Brasil, os estudos sobre o romance antigo estão em ascensão, mas ainda longe de despertar o mesmo interesse que têm no exterior. Nesse panorama, destaca-se, contudo, o livro de Jacyntho Lins Brandão, **A invenção do romance** (Brasília, UNB, 2005). Voltado especialmente para o romance grego, Brandão examina as questões referentes à origem do gênero e as suas espécies, mas concentra-se na discussão dos pressupostos teóricos que o conformam, analisando as figuras do narrador, do narrado e da narrativa. Isso, sempre do ponto de vista, essencial, de que o romance é gênero tardio no mundo clássico, pós-antigo, que absorve e dialoga com todo um sistema literário pré-existente estabelecendo um jogo gramatofágico. Pode-se dizer que o livro de Brandão é o ponto de partida e a obra de referência para quem busca estudar o romance antigo no Brasil. Além de Brandão, cabe destacar também, entre os pesquisadores que se dedicam ao tema em nosso país, Claudio Aquati, Sandra Bianchet, Pedro Ipiranga Junior, Lucia Sano e essa signatária.

É chegado o ponto de tratar do *corpus* propriamente dito, que, infelizmente, ainda está pouco traduzido em língua portuguesa, o que, espero, venha a mudar em breve, já que há notícias de traduções em progresso ou já no prelo.

Em português temos **Quéreas e Calíroo** (Lisboa, 1996), **As efesíacas** (Lisboa, 2000), **Os amores de Leucipe e Clitofonte** (Lisboa, 2008) e **Dáfnis e Cloé** (Campinas, 1990) - esse último em versão indireta. Também há tradução de **Das Narrativas Verdadeiras** de Luciano, tanto no Brasil quanto em Portugal (**A história verdadeira**, Cotia, 2012). O **Satíricon**, de Petrônio, recebeu excelentes traduções de Claudio Aquati (São Paulo, 2008) e Sandra Bianchet (Belo Horizonte, 2004, essa bilíngue), além da versão mais livre de Paulo Leminski (São Paulo, 1985). A edição de Aquati traz ainda ótimo posfácio e indicações de leitura. **O asno de ouro**, de Apuleio, tem tradução antiga, constantemente reeditada desde os anos 60, de Ruth Guimarães (Rio de Janeiro,

2002) e, em Portugal, há também **O burro de ouro** (Lisboa, 2005). Lamentavelmente, quase todos esses títulos estão esgotados e só podem ser encontrados em sebos e bibliotecas.

Naturalmente o leitor poliglota encontrará traduções desses romances para inúmeras línguas. Recomendo especialmente, para os que leem inglês, o livro organizado por B. P. Reardon, **Collected Ancient Greek Novels** (Berkeley, 2008, 1ª ed. 1989), que, além dos cinco romances canônicos gregos, traz ainda alguns dos ditos marginais e uma seleção dos principais fragmentos. Em francês, recém-publicado, o volume **Roman grecs e latins** (Paris, 2016), traz novas traduções dos principais exemplares do gênero, além de introduções às obras, bibliografia atualizada e mapas. É bem prático ter todo esse material reunido num único volume, bem ao alcance da mão, na estante. Mãos à obra, então!

#### Bibliografia comentada:

##### a) Romances

Apuleio. *O asno de ouro*. Tradução Ruth Guimarães. RJ: Ediouro, 2002.

\_\_\_\_\_. *O burro de ouro*. Tradução Delfim Leão. Lisboa, Cotovia, 2007.

Aquiles Tácio. *Os amores de Leucipe e Clitofonte*. Tradução de Abel N. Pena. Lisboa: Cosmos, 2005.

Brethes, R.; Guez, J.-Ph. (ed.) *Romans grecs et latins*. Paris: Les Belles Lettres, 2016.

Cáriton. *Quéreas e Calírroe*. Tradução de M. F. Sousa e Silva. Lisboa: Cosmos, 1996.

Longo. *Dáfnis e Cloé*. Tradução de Denise Bottmann. Campinas: Pontes, 1990.

Luciano. *A história verdadeira*. Tradução de Gustavo Piqueira. Cotia: Ateliê, 2012.

Petrônio. *Satíricon*. Tradução de Claudio Aquati. São Paulo: CosacBaify, 2008.

\_\_\_\_\_. *Satyricon*. Tradução de Sandra Bianchet. Belo Horizonte: Crisálida, 2004.

\_\_\_\_\_. *Satyricon*. Tradução Delfim Leão. Lisboa, Cotovia, 2005.

Reardon. B. P. (ed.) *Collected Ancient Greek Novels*. Berkeley: University of California Press, 2008 (1ª ed. 1989).

Xenofonte de Éfeso. *As Efesíacas. Ântia e Habrócomes*. Tradução da V. Ruas. Lisboa: Cosmos, 2000.

b) Textos sobre o romance antigo

- Auerbach, E. Fortunata. In *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1976, 21-42.
- Brandão, J. L. *A invenção do romance*. Brasília: Editora da UNB, 2005.
- \_\_\_\_\_. Qual romance? (Entre antigos e modernos), in *Eutomia*, 12(1), 80-99, 2014.
- Bakhtin, M. Formas de tempo e de cronotopo no romance (Ensaio de poética histórica). In *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*. Tradução de Aurora Bernardini e outros. São Paulo: Hucitec, 1988, 211-362.
- Cueva, P.; Byrne, S. (ed). *A Companion to the Ancient Novel*. Oxford: Wiley Blackwell, 2014.
- Hägg, Th. Il romanzo greco: modello unico o pluralità di forme? In Franco Moretti (ed.). *Il romanzo*, v. 3. Torino: Einaudi, 2002, 5-32.
- Hofmann, H. *Latin Fiction. The Latin novel in context*. London: Routledge, 1999.
- Holzberg, N. *The Ancient Novel: an introduction*. London: Routledge, 2005.
- Karla, G. A. *Fiction on the fringe. Novelistic writing in the post-classical age*. Leiden: Brill, 2009.
- Schmeling, G. (ed.) *The novel in the ancient world*. Boston: Brill Academic Publishers, 2003.
- Whitmarsh, T. (ed) *The Cambridge Companion to the Greek Novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.